

Para Sir Jeremy, FMI é crucial

por Celso Pinto
de Londres

Os bancos credores estão interessados em fechar um acordo com o Brasil. Para isso, no entanto, será crucial que o País esteja com um programa em vigor com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Essa é a opinião de Sir Jeremy Morse, que até o início deste ano era o presidente do maior banco credor do Brasil na Grã-Bretanha, o Lloyds. Sir Jeremy, que acompanha de perto o Brasil há muitos anos, foi o convidado de honra num almoço, ontem, da Câmara Brasileira de Comércio na Grã-Bretanha.

Ele hoje está aposentado do banco, mas acompanhou de perto o processo de negociação do acordo dos bancos credores com o Brasil. O fato de se ter uma adesão maciça ao acordo no prazo previsto



Sir Jeremy Morse

é prova do interesse dos bancos, disse ele a este jornal.

Existem, contudo, passos adicionais necessários antes da assinatura do acordo. Um deles será a definição de onde virá o dinheiro para as garantias dos bônus que serão

emitidos em troca da dívida antiga. A parte das instituições multilaterais só existirá se o Brasil tiver um acordo em vigor com o FMI. Sir Jeremy acha que a existência deste acordo é crucial para que se chegue à assinatura.

Ele esteve, no ano passado, visitando nove países latino-americanos, inclusive o Brasil. Disse ter ficado impressionado pela mudança na qualidade das políticas econômicas da região. A combinação deste fator com a queda na taxa de juros americana explica a volta do fluxo de recursos financeiros internacionais para os países latino-americanos.

"Quando os juros americanos subirem, contudo, teremos um teste muito significativo", advertiu. Os países que não tiverem se situado claramente num novo quadro de política econômica ou não tiverem conseguido consolidar a con-

fiança dos mercados vão ter problemas, segundo Sir Jeremy.

Ele saudou como positiva a formação de blocos regionais econômicos na América Latina, mas observou que a alta inflação brasileira poderá dificultar a implantação do Mercosul. O risco é de que a Argentina acabe preferindo pensar numa integração com os Estados Unidos, do tipo do acordo NAFTA que está sendo discutido com o México e que está atraindo o Chile, a Colômbia e a Venezuela.

O ponto positivo do Brasil, hoje, disse, é a força de sua posição externa, com um alto nível de reservas e um sólido aumento de exportações, impulsionadas ainda mais pela recessão do mercado interno. Do lado político, o Brasil "é um país de má sorte, com a morte de Tancredo Neves e a corrupção de seu dinâmico presidente Collor".